

A identidade dos professores eborenses na imprensa regional: 1928 a 1974.

Maria Teresa C. S. Gonçalves dos Santos*

1. Ponto prévio

Na tentativa de ajustar o texto da comunicação ao tema do Colóquio, procurou-se configurar a identidade do professor eborense através da imprensa regional entre os anos de 1928 e 1974, período pautado pela censura¹. À primeira vista, o propósito pode parecer extravasar o bom senso dado que Gil do Monte, no livro *O Jornalismo Eborense*², regista, nesse mesmo período, noventa e sete títulos de jornais, boletins, cartazes e programas. Contudo, apenas dezoito desses títulos³ se incluem na área educativa, se admitirmos, num sentido bastante abrangente, que nela têm cabimento todas as publicações vinculadas aos diversos estabelecimentos de ensino ou que na sua denominação exibem o termo "educação". Tão-só a título de exemplo, se incluem na primeira categoria *Alvoradas*, jornal mensal editado pelos alunos do seminário de Évora que se manteve entre os anos de 1933 e 1944, e *O Adeus...*, número único publicado pelos alunos da Escola de Regentes Agrícolas de Évora no final do ano lectivo de 1940/41. Na segunda categoria, fazem parte *O Horizonte. Revista cultural e educativa*, de curta existência (1951/1952), e *Baluarte. Órgão de informação, educação e recreio do Regimento de Infantaria n.º 16*, saído entre 1964 e 1970. Os dezoito títulos elencados estão arquivados na Biblioteca Pública de Évora e correspondem a suportes materiais encontrados em condições lastimáveis, o que faz com que cada manuseamento agrave a fragilidade do estado físico. Face à degradação das publicações e à dificuldade em melhorar as condições de conservação, uma urgência sempre adiada por questões económicas e insensibilidade cultural, impõe-se a consulta imediata.

As dezoito publicações listadas são diversas quanto à sua natureza. Umas são meramente circunstanciais e de carácter informativo, outras têm regularidade e articulam a informação com a formação. À excepção da revista *O Horizonte*, os

* Professor da Universidade de Évora, Portugal.

alunos são os editores, quase absolutamente os colaboradores e, maioritariamente, os destinatários, o que desde logo permite antever quer a estrutura, sobretudo seccionada em informação e humor, quer a densidade problemática do conteúdo dos textos, nos quais a superficialidade se enfeita com muita retórica e lirismo. Os professores raramente assomam como colaboradores e os seus nomes são tão-só referidos em notícias formais para assinalar a conclusão da docência ou para registar o falecimento. Na medida em que as homenagens circunstanciadas, de tom laudatório, evitam qualquer referência que possa beliscar a imagem social da pessoa, tais notícias fornecem apenas elementos para a construção da identidade biográfica do professor, não para a sua identidade pedagógica, desdobrada nas dimensões interventiva e reflexiva.

A quase invisibilidade dos professores é salva por *O Leme*, jornal quinzenário, órgão dos alunos da Escola do Magistério Primário de Évora com publicação entre os anos lectivos de 1952/1953 e 1957/1958. É neste periódico, vinculado ao horizonte profissional, que mais se fala de professores. Por isso mesmo, dos noventa e sete títulos de que dispúnhamos inicialmente acabámos por fixar a nossa investigação num só, reduzindo quantitativamente o âmbito da pesquisa e, pela índole vocacional do próprio jornal, restringindo-a aos professores do Ensino Primário.

2. A configuração de *O Leme*

Dado que nos propusemos ter por fonte *O Leme*, há que, com a máxima brevidade possível, proceder à sua caracterização, a fim de compreender a relação entre o seu aspecto, externo e interno, e o contexto sociopolítico da época.

O Leme exhibe no cabeçalho o desenho simples de um leme, cuja sombra se projecta recortada triangularmente e contornada pela legenda "*Deus Estado Família*". Ao quarto número foi acrescentado o subtítulo *Rumo à Criança*. A legenda e o subtítulo indicam, respectivamente, a orientação ideológica acomodada ao regime salazarista, bem marcada em alguns textos, e a promoção de uma pedagogia sustentada na filosofia (encontram-se referências a Herbart), de base científica e mais atenta à criança, como certos textos defendem, apoiando-se nos pedagogos inspiradores ou inspirados na Escola Nova – basta citar Pestalozzi e Maria Montessori. É sem dúvida estranha esta coabitação (salazarismo e Escola Nova)⁴, mas pode ser reveladora de uma tendência eclética forçada pela evidência das teorias pedagógicas ou pode tratar-se de uma corajosa estratégia de promoção das modernas teorias, cuidando para isso de neutralizar a carga ideológica do discurso, de modo a passar pela censura que visava cada número a publicar. Seja como for, o periódico estudantil assume-se como via privilegiada para comunicar com os colegas e acicatar a vontade de educar. Pelo contexto político e pelas idades dos responsáveis e dos colaboradores depreende-se o entusiasmo dos apelos, a jovialidade do tom e a disponibilidade para intervir na cena escolar.

Fundado por alunos (Francisco Alberto Queiroz e António Alves Seara), com um corpo redactorial também constituído por alunos e sujeito a remodelação anual, numa

clara subordinação ao decurso dos anos lectivos, o jornal⁵ impôs-se junto da comunidade estudantil durante seis anos, altura em que foi suspenso. Ao todo foram publicados cinquenta e cinco números, o primeiro lançado em Fevereiro de 1952 e o último a 14 de Junho de 1958. A Biblioteca Municipal de Évora conserva uma colecção a que faltam alguns números, como, por exemplo, o primeiro, indispensável à leitura da intenção objectivada no editorial.

A metodologia adoptada para compreender como se configura a identidade do professor primário através dos alunos e para os alunos da Escola do Magistério Primário de Évora foi muito prática. Começou-se pela delimitação nominal, ou seja, seleccionaram-se os textos usando o critério da referência explícita a professores e, depois, procurou-se apurar a identidade social e cultural configurada para professor primário. Esta identidade não é dada de uma só vez, antes se desdobra e articula em várias dimensões.

3. Ser professor primário na década de cinquenta: um projecto de competência e compromisso

A questão orientadora da leitura foi tão simplesmente esta: o que era ser professor para os alunos do Magistério Primário de Évora da década de cinquenta? Um profissional portador de um saber pedagógico de carácter prático, normativo e performativo. Mas não só: um profissional carismático e, nesse sentido, com uma missão social a desempenhar e, por isso mesmo, um profissional a quem é devido respeito.

A promoção da imagem do professor carismático⁶, aquele que a si mesmo se vê como actor de uma missão singular que compromete toda a sua pessoa, ajuda, por um lado, a superar a desvalorização profissional que ao longo da história afectou particularmente o professor do ensino primário⁷ e coloca-o, por outro, no quadro dos principais promotores da regeneração⁸ nacional. Portanto, competência e compromisso são as coordenadas de cristalização da imagem que O Leme quer imprimir e divulgar.

Vejamos agora os textos, na medida em que neles, mais do que problematizar, se visa retocar e redimensionar social e culturalmente o professor do ensino primário.

O primeiro artigo, de Falé Júnior, intitula-se "O professor primário e a higiene escolar"⁹, definindo-se higiene por "ciência de se preservar e prevenir o contágio" (p.1), cujo conhecimento é premente para o professor. O artigo, apesar de não ser relevante sobre a matéria pois limita-se a considerações correntes e de bom senso, é significativo quanto à exigência formativa das Escolas do Magistério Primário que, decorrente de um projecto regenerador da sociedade, não descarta os contextos particulares do exercício da prática educativa.

O artigo distingue dois tipos de professor: o situado em meio rural e o situado em meio citadino. Ao primeiro, por estar isolado, acresce-lhe a responsabilidade de uma intervenção alargada: socorrer dentro e fora da escola; socorrer os alunos e a

população; socorrer em casos ligeiros e em casos graves. Daí ler-se: “E o professor, neste ambiente aldeão, necessita de possuir um mínimo de conhecimentos que lhe permita actuar como for necessário, ser útil ao semelhante, aconselhando e inculcando hábitos civilizados nas populações, sabendo prestar socorros em casos graves e prontificando-se depois a chamar o médico a quem dará conta da sua actuação sempre consciente e esclarecida” (p. 1). São a especificidade e as carências do meio rural que solicitam uma intervenção radicada numa sólida formação. Diferenciada é a actuação do professor citadino, a quem ficará “para resolver, os problemas de higiene afins com a Pedagogia e a processologia didáctica, acrescidos dos casos de ferimentos ligeiros das crianças nos recreios (...)” (p. 2). Embora menos evidente na cidade, torna-se manifesto que o professor é um homem actuante, consciente, esclarecido e capaz de criar à sua volta uma atmosfera de confiança. O estatuto do professor do meio rural acarreta não só mais obrigações educativas como também maior obrigação de se consciencializar e executar com escrupulosidade o seu trabalho.

Também o artigo “O professor e a valorização sanitária da raça”¹⁰, escrito por Gonçalves de Azevedo, repete o tema da higiene propondo uma grande campanha em virtude de a doença, um “mal individual, [ser] um encargo para o estado”. Concretamente, sugere que se faça “uma campanha semelhante à que visa a alfabetizar toda a população portuguesa”¹¹. Pergunta Gonçalves de Azevedo: “Porque não «higienizar» também o nosso povo? Será mais uma grande missão a interpor no já vasto e importante papel do professor, modelar uma raça saudável e de sempre maior longevidade”¹². No texto exprime-se a convicção eugenista de que a revalorização da nação depende quer da sã moral pública quer da saúde pública.

Um outro colaborador de *O Leme*, Horácio Santos Brás, retoma o tema de “O professor no meio rural”¹³. Elege-o como figura central por duas ordens de razão:

- a primeira decorre do facto de todos o conhecerem¹⁴. Essa visibilidade pública impõe-lhe o dever de “trabalhar com mais afinco” (p. 2) e de “desempenhar com mais vontade a sua missão” (p. 2);

- a segunda inscreve-se na preferência pelo magistercentrismo: “A escola é uma pequena sociedade em que o elemento principal é o professor” (p. 2).

Em virtude da visibilidade e centralidade tornam-se imperativas a honradez profissional e a verticalidade do porte moral. Horácio Santos Brás elabora um conjunto de considerações sobre a missão do professor cuja tarefa radical é a formação dos “homens de amanhã”, embora também lhe caiba influir vitalmente sobre a pequena comunidade em que se insere. Neste sentido, se estar afastado da cidade se perfila como situação desagradável, ser o portador da cultura e do estímulo moral de uma pequena comunidade significa um privilégio e simboliza a esperança. Horácio Santos Brás, que pretende combater a comum aversão à colocação em locais isolados, termina lançando uma exortação expressiva: “Não tenhas pena de exercer o magistério numa aldeia, pois, a tua missão será nela ainda mais nobre do que o é”¹⁵. É uma exortação que visa seduzir e acalmar a inquietude.

Estes dois textos, sem aludirem à vertente sociológico-política da questão da resistência dos professores em aceitarem de bom grado colocações em meios distantes e isolados, limitam-se a despertar para o sentido de missão e a imprimirem a imagem do professor missionário, cujo pano de fundo é Portugal da década de 50, fechado à projecção industrial, receoso da dinâmica liberal e estruturado no sector primário de actividades.

O terceiro artigo encontrado em *O Leme* intitula-se “O professor primário e a acção católica”¹⁶ e está assinado por Alfredo Reis. Trata-se da divulgação da homenagem a tributar pela Acção Católica, em fins de Maio do ano de 1952, ao professor primário “por ter bem assimilado o melindre e a responsabilidade da função de educar”¹⁷. Então em que consiste a função de educar?

O artigo, dirigido aos professores, radica a decadência nacional na ausência de uma formação moral por força da prioridade e exclusividade dada à educação intelectual. Impõe-se uma recuperação rápida e profunda da moralidade social que deve ser cumprida pela educação. A proposta justifica-se nestes termos:

“Se em tempos idos se julgou que a cultura intelectual engendrava virtude, e, por consequência, a actividade nas escolas se dirigia essencialmente à aquisição de conhecimentos de ordem intelectual, hoje, por falência estrondosa dessa orientação pedagógica, se põe na base de toda a actividade escolar a formação moral, visto que a sociedade requer o homem justo e bom, de preferência ao homem intelectual, amoral ou imoral”¹⁸.

Justificada como inexcusável e ingente, a educação moral espartilha o desempenho do professor primário e converte-o em reformador e formador da vontade moral da criança. Tarefa difícil, pelo que exige de “lucidez e placidez de espírito”¹⁹, qualidades a vincarem a imagem de um professor seguro e irrepreensível.

Atendamos ao artigo seguinte. Intitula-se “O professor e a história”²⁰ e sustenta que o “êxito do ensino da história deve ao modo como ela se transmite”²¹. O ensino da história tem dupla acepção: a de enraizar o aluno no solo pátrio de modo a enquadrá-lo espacial e temporalmente; a de fomentar a consciência patriótica de modo a ganhar uma identidade consistente. Tanto mais conseguido será o ensino quanto mais patriota for o professor. Ora fazer depender a elevação patriótica do aluno quer da vivacidade da eloquência quer da capacidade imaginativa constituía um risco para o professor, porque se expunha demasiado, e uma oportunidade de observação para o regime salazarista de cinquenta, que assim auscultava e media as simpatias políticas. De facto, só o professor patriota, com poder de sugestão e facilidade de expressão, seria capaz de irradiar naturalmente o amor à Pátria. Ao simular com vivacidade e sinceridade o momento histórico ele contaminaria o aluno com o patriotismo renovador da nação. Convenhamos que o ensino da história portuguesa

se destacava de qualquer outro desempenho disciplinar: era o subtil meio de aferição do patriotismo do professor primário.

O artigo "O professor primário perante as tradições populares" de Aníbal Esteves²² tematiza o nexo, que defende ser fortíssimo, entre educação e tradição. O artigo aproveita, para arrancar com autoridade e suporte ideológico, uma frase de Salazar: "Sermos em tudo nós e não os outros é a primeira condição de não nos confundirmos" (p. 2). Cabe ao professor, através da educação, preservar o património e garantir que este seja sucessivamente herdado e enriquecido de geração em geração. A identidade nacional depende assim da sensibilidade e da cultura etnográfica do professor, a quem cabe a tarefa de estabilizar e unificar a mentalidade nacional.

No jornal n.º 16²³ surge outro texto a reforçar a construção da imagem patriótica. Está assinado por Joaquim Coelho Ventura e intitula-se "A missão do professor". Começa com a seguinte asserção: "Dentro dum espírito cristão, Portugal será sempre, se nós quisermos, uma grande e próspera Nação"²⁴. A concretização deste ideal dependeria de "(...) indivíduos educados nos quatro aspectos fundamentais – físico, intelectual, moral e religioso"²⁵, ou seja, resultaria de uma educação abrangente e ideológica. É sempre em termos de grandes expectativas, de grandes ganhos nacionais e espirituais, que se apela ao cumprimento da educação, cujo calibre depende da qualidade do desempenho da docência. O modelo de professor sugerido pelo artigo corresponde a uma concepção perfeitamente compatível com o que perfilhava o regime de Salazar. Sintetizando, o professor deveria ser capaz de levar os alunos "(...) a sentir o verdadeiro interesse pela vida, num ambiente cristão, de amor pela Família, por Deus e pela Pátria, (...) "²⁶. É evidente que a regeneração nacional não corresponde a uma recriação da cultura mas a um aumento de moralidade acomodada à trilogia "Deus, Pátria, Família". O que vem provar também que as imagens do professor promovidas por O Leme não foram construídas à margem do contexto sociopolítico mas dentro da circunstância, a que não escapou. Aliás, a legenda do logotipo do jornal dos alunos da Escola do Magistério Primário de Évora é disso exemplo.

Para terminar esta ronda pelo jornal estudantil, vale a pena insistir no tom de exaltação nacional, especialmente nítido nos textos produzidos sob o signo do dever de encontrar forças para ser capaz de fazer renascer do passado as sementes de um novo Portugal. É o caso do texto de José Baptista Fernandes, que se configura como redacção sobre a conduta do professor, onde abundam conselhos morais dirigidos por ele mesmo aos colegas menos inflamados por o amor à Pátria e menos vertebrados de moral. O tom do texto sugere uma ordem de combate: "Colega: Atiremos para bem longe os vícios asquerosos que nos dominam e rejubilemos por tal; sejam escravos da honestidade (...) cultivem a sinceridade e na balança da justiça procurem buscar a meio o fiel"²⁷. A expectativa da valorização e do reconhecimento da profissão impõe que o futuro professor seja capaz de organizar de um modo sistemático os actos educativos julgados fundamentais para a formação do cidadão português, por isso tem de fomentar atitudes favoráveis ao respeito nacional e de promover o respeito, a

capacidade de cooperar e a dedicação ao que é considerado superior. Como diz outro aluno: "Por tudo isto, eu considero a missão do professor um verdadeiro apostolado do Bem, de Dignidade e de Honra, o alicerce indispensável ao bem-estar e ao progresso de qualquer país"²⁸.

O perfil pedagógico-ideológico do professor, traçado, até aqui, em vários segmentos, repetir-se-á nos números seguintes do jornal em textos que chegam a repetir o título dos artigos anteriores, criando-se assim a ideia de que anualmente se pediam composições aos alunos sobre os mesmos temas e que as melhores eram, diga-se hipoteticamente, premiadas com publicação. Para ilustrar a afirmação, faz-se a relação dos títulos dos textos:

- "A missão do professor primário" de Maria Isaura das Neves Teixeira (III (29), 30 de Novembro de 1954, 4)²⁹;

- "Qual a missão do professor?" de Maria do Carmo Pereira Dias (IV (35), 10 de Maio de 1955, 1)³⁰;

- "A missão do professor" de Maria Benedita Alves Martins (V (40), 31 de Janeiro de 1956, 1-2)³¹.

Também é evidente a aliciação dos professores para enquadrarem a sua missão no quadro da religião ou das organizações do Estado Novo, algo justificado em termos de reforço e de complemento da acção educativa ou de dever patriótico. Se o espírito religioso vinculado ao catolicismo é um traço desejável no perfil identitário do professor, a mentalidade nacionalista fiel ao Estado Novo é um traço obrigatório. Vejam-se os títulos:

- "As conferências de S. Vicente de Paulo e o professor primário" de A. Rosado (III (31), 20 de Janeiro de 1955, 4-2)³²;

- "O professor como dirigente da Mocidade Portuguesa" de António da Silva Mendes (IV (32), 31 de Janeiro de 1955, 3)³³;

- "O padre e o professor" de Júlio dos Santos Borges (IV (33), 15 de Fevereiro de 1955, 1)³⁴;

- "O professor católico" de António da Silva Mendes (IV (34), 30 de Março de 1955, 4-2)³⁵;

- "O professor primário e a Campanha" de Martinho Fialho Tojo (V (40), 31 de Janeiro de 1956, 2)³⁶;

- "Formação espiritual do professor" de Silvano das Neves (V (43), 25 de Abril de 1956, 1-2)³⁷.

Refira-se, para completar o registo proposto, mais dois grupos de textos: uns relativos às competências do professor; outros, ao desempenho. Eis a indicação bibliográfica:

- "Quo vadis, magister?" de Luís Morgado Pires Ferreira (III (40), 21 de Dezembro de 1953, 1-2)³⁸;

- "O professor e a preparação de lições" de Engrácia da Luz Matias Mendes (IV (34), 30 de Março de 1955, 1-2)³⁹;

- "O trabalho diário do professor do ensino primário" de Silvano Neves (V (42), 15 de Março de 1956, 1-2)⁴⁰;
- "O professor e a preparação da lição" de Maria José Costa Palma (V (42), 15 de Março de 1956, 2)⁴¹;
- "O professor e a preparação das lições" de Maria Apolónia Silvério (V (44), 26 de Maio de 1956, 2)⁴².

Fora do contexto desta lista, acrescenta-se um pequeno texto avulso da autoria de Laurentina Malhadas Pelica, cujo título e conteúdo refere directamente o carácter do professor: "Carácter de um verdadeiro Professor"⁴³. O texto sumariza as considerações axiológicas nesta frase: "Para o professor é qualidade fundamental a posse de uma personalidade forte e decidida, um carácter justo, esclarecido e firme" (p. 2). A seguir refere que o carácter deve ser reforçado por qualidades físicas ao nível do olhar e da voz.

Dada a presença de alunas na Escola do Magistério de Évora, as quais também colaboram no jornal – destaque-se entre elas Rosa Colaço, escritora bem conhecida –, cabe perguntar se existem indicações particulares para a configuração da identidade das professoras. Indicações sintomáticas de discriminação de género. São dois os textos que referem a professora. Um, obliquamente: "A mulher, a família, a sociedade e o Professor" de Silvano das Neves (IV (36), 28 de Maio de 1955, 4). Outro explicitamente: "Para ti, Professora" de Antonino José Ferro Pinto (VI (51), 1 de Junho de 1957, 2).

Silvano das Neves aprecia a mulher como ser de sensibilidade e afectividade, atributos que a podem valorizar quando tem de se confrontar ou deslocar para o domínio masculino. Ao associar o angélico ao feminino, insinua ingenuidade e, por conseguinte, desqualificação racional e incapacidade de reacção afirmativa e decisória: "(...) mas a mulher, profundamente sensível, enfraquece muitas vezes, depois não manda, obedece; não discute, acredita; não pensa, esquece e deixa-se (finalmente) como uma criança cair para o abismo coberto de flores" (p. 4). A mulher está destinada, por Deus, para o ideal sublime do casamento e não deve trabalhar, o que leva a supor que tolera a presença de raparigas na Escola do Magistério mas condena em absoluto o exercício da docência no caso de casarem. E não obstante quer a evidência crescente da presença da mulher no mundo do trabalho quer a necessidade de elas contribuírem com o seu salário para apoiar a família, o que obriga Silvano das Neves a mitigar a sua intransigência, mantém, ainda assim, uma posição firme: "(...) a força de várias circunstâncias fazem-nos recuar, mas ainda reconhecem que o trabalho da mulher casada, fora do lar, desorganiza a vida familiar, atira irremediavelmente os filhos para a rua" (p. 4), factores de risco para a estabilidade social.

O outro texto – "Para ti, Professora" de Antonino José Ferro Pinto – descreve a viagem de uma professora colocada numa aldeia alentejana e, uma vez instalada, instiga-a à acção: "Então, mãos à obra! Formar bem o carácter do aluno de harmonia com a lei de Deus e dar à Pátria os seus melhores servidores é o seu honroso objectivo" (p. 2). A imagem estereotipada da mulher professora surge a seguir expressa nestes

termos: “Repara, não é o prazer e o orgulho que faz a mulher feliz, mas o fiel cumprimento do dever, a virtude e a graça de Deus” (p. 2). A manifestação do prazer e do orgulho relativamente ao trabalho a realizar e realizado é contrária à natureza feminina, submissa e silenciosamente cumpridora. Mesmo as professoras, e talvez mais pela necessidade de dar exemplo, não estão desobrigadas de um “estar-profissional” em igualdade. A misoginia é indistigável.

Falta referir, para terminar esta leitura de *O Leme*, quatro artigos algo marginais à fronteira temática dos anteriores. Os dois primeiros comprovam como o jornal era acolhido pelos ex-alunos e os dois últimos inscrevem-se, diferentemente, no registo biográfico.

- “Tribuna dos ex-alunos – Professores novos”⁴⁴, espaço reservado a registos de ex-alunos da Escola do Magistério Primário. É o caso do relato de uma professora, recém-diplomada pela escola que teve de “andar de porta em porta a avisar os pescadores de que tinham de mandar os seus filhos à Escola, e, graças a Deus, vieram todos” (p. 2). E é ainda o caso de outra professora que, colocada numa aldeia do Ribatejo, se diz disponível para, segundo suas palavras, travar uma luta de modo a “continuar a civilizar estes cérebros embrutecidos” (p. 2).

- “Senhores Professores. Aos ex-alunos desta escola”⁴⁵ corresponde a um anúncio que informa sobre o modo de adquirir o emblema do estabelecimento: preço de venda em selos de 11 escudos.

- “A homenagem de despedida ao Prof. Alfredo Martins dos Reis”⁴⁶.

- “Professor de Didáctica Especial”⁴⁷: em substituição do senhor professor Alfredo Martins dos Reis, aposentado, foi nomeado para as disciplinas de Didáctica Especial e de Legislação e Administração Escolar, o senhor professor Miguel António Marmelada.

4. Conclusão

De forma dispersa, *O Leme* confere ao professor primário uma identidade caleidoscópica. Trata-se de alguém tido em alto conceito: que ensina por profissão e vocação; que intervém conscientemente no meio em que se situa; que oferece confiança; que serve de exemplo; que contagia patriotismo. A sua identidade é construída ao construir o ideário de outros sobre os pilares do Estado Novo.

Como interpretar o orgulho profissional que jorra dos artigos? Tão-só como próprio de jovens excessivamente animados e alheados da realidade, cujos textos combinam assertividade e idealismo? A despeito destes factores, que até dão vida anímica ao jornal, é inequívoco o empenho em definir para o futuro professor um perfil de compromisso e de competência, o que permite classificar o jornal como órgão de formação profissional.

Em suma, na década de cinquenta, *O Leme*, pela abundância de imagens a que recorre e pela convicção que transmite, prometia aos alunos da Escola do Magistério Primário de Évora, futuros professores, não um ganha-pão mas uma missão; não a vulgaridade mas a dignidade.

Anexo

Lista de jornais eborenses de cunho educativo: 1928-1974.

1. *O Renascimento* (1929/1932). Quinzenário de arte, literatura e humorismo, órgão da Associação Académica Eborense.
2. *Alvoradas* (2.º) (1933/1944). Jornal mensal, órgão do seminário de Évora.
3. *O Adeus...* (final do ano lectivo de 1940/41). Número único, publicado pelos alunos da Escola de Regentes Agrícolas de Évora.
4. *O Rasgar da Ganga* (final do ano lectivo de 1942/43). Número único, publicado pelos alunos da Escola de Regentes Agrícolas de Évora.
5. *A Voz do Centro* (1943/...). Órgão mensal do Centro Escolar n.º 4 da Organização Nacional da Mocidade Portuguesa.
6. *Alvoradas* (3.º) (1945/1968). Revista mensal, órgão do Seminário Diocesano de Évora.
7. *O Estudante* (1949/1953?). Órgão dos alunos do Colégio André de Rezende (externato).
O Horizonte (1951/1952). Revista cultural e educativa.
8. *O Leme* (1952/1958). Jornal quinzenário, órgão dos alunos da Escola do Magistério Primário de Évora.
9. *Lê Istol... Coisas da nossa casa e do nosso viver* (1954/1961). Órgão mensal da Casa Pia Masculina de Évora.
10. *Página do Seminário* (1955/...). Folha dos Seminários da Arquidiocese de Évora.
11. *Eco Escolar* (1956/...). Órgão da Escola de Enfermagem «São João de Deus», de Évora.
12. *Cantando* (1958/1961). Publicação periódica de Escola Industrial e Comercial de Évora.
13. *O Elo* (1.º) (1958/1968). Mensário, órgão do Centro dos Antigos Alunos Salesianos.
14. *Ecos do Oratório* (1961/...). Órgão mensal do Oratório Salesiano de S. José de Évora.
15. *Baluartes* (1964/1970). Órgão de informação, educação e recreio do Regimento de Infantaria n.º 16.
16. *Vozes Humildes* (1970/...). Jornal mensal da Escola Industrial e Comercial de Évora.
17. *Renovação* (1974). Jornal copiografado, pertença da Escola Industrial e Comercial de Évora.

Notas

¹ Justificação para a delimitação temporal proposta: o ano de 1928 é marcante para o jornalismo pois, na sequência da ditadura militar, instalada a 28 de Maio, a imprensa foi censurada. A repressão censória só termina a 25 de Abril de 1974.

² Gil do Monte foi um autodidacta eborense. Sobre o jornalismo tem dois livros: *O Jornalismo Eborense*, Évora, 1955; *Achegas para a História do Jornalismo no Distrito de Évora*, Évora, 1984. A ele se deve a informação que determinou a investigação.

- ³ Para obtenção da listagem completa consulte-se o Anexo.
- ⁴ Esta afirmação só é contrariada pelo artigo de Júlio dos Santos Borges, "O padre e o professor", (Évora, ano IV, n.º 33, 15 de Fevereiro de 1955, p. 1).
- ⁵ O Leme era composto e impresso na Gráfica Eborense (Porta de Moura, 25 - Évora). Teve dois formatos: inicialmente com as dimensões de 38,5x26,5; a partir do n.º 12 (18 de Novembro de 1952) avantajando-se para 45x33,5. O primeiro formato compreendia três folhas; o segundo apenas duas.
- ⁶ Sobre os modelos de professores, onde se inclui o carismático, veja-se o texto de Gilles Ferry (1970), *La Pratique du Travail en Groupe. Une expérience de formation d'enseignants*. Paris : Dunod, 187-188.
- ⁷ Ao exercício do magistério primário nem sempre foi reconhecido devido valor e igual sentido. No início não constituía uma actividade especializada e agora, em posição extremada, exige-se uma formação multidisciplinar complexa capaz de vir a desenvolver nos alunos a sensibilidade e o espírito crítico, a compreensão da dinâmica do mundo e a consciência de actuar com autonomia e responsabilidade.
- ⁸ A ideia de regeneração entra sempre nos discursos pedagógicos reformistas, fornecendo o sentido optimista necessário à mobilização dos educadores. Em Portugal, equaciona-se explicitamente a regeneração da nação com a reforma educativa, provando-se assim a facilidade com que esta fórmula de adapta às mais diferentes situações políticas.
- ⁹ O Leme, Évora, I (2), 18 de Fevereiro de 1952, 1-2.
- ¹⁰ Idem, II (18), 27 de Março de 195, 1.
- ¹¹ Idem, ibidem, 1.
- ¹² Idem, ibidem. Falé Junior voltaria a elogiar o professor de aldeia no n.º 8 de O Leme ("Ainda o professor primário", 17 de Maio de 1952, 2). Começa por o considerar "obreiro número um da civilização vindoura" e reserva o resto do texto à evocação de um professor, provavelmente o dele. No artigo intitulado "Para ti, Professora" de Antonino José Ferro Pinto (idem, VI (51), 1 de Junho de 1957, 2) descreve-se a ida da professora para uma aldeia alentejana e instiga-se à acção: "Então, mãos à obra! Formar bem o carácter do aluno de harmonia com a lei de Deus e dar à Pátria os seus melhores servidores é o seu honroso objectivo" (p. 2). A imagem estereotipada da mulher, professora, é expressa nestes termos: "Repara, não é o prazer e o orgulho que faz a mulher feliz, mas o fiel cumprimento do dever, a virtude e a graça de Deus" (p. 2).
- ¹³ Idem, I (5), 3 de Abril de 1952, 2.
- ¹⁴ A familiaridade, o respeito e a autoridade faz com que "Quantas vezes não é o professor chamado a resolver certos problemas de carácter particular?" (idem, ibidem, 2).
- ¹⁵ Idem, ibidem, 2. A exortação fora antecedida por um iniludível apelo ao orgulho profissional pessoal: o professor do meio rural seria recordado, como nenhum outro, "com saudade", o que seria o melhor dos elogios.
- ¹⁶ Idem, I (7), 3 de Maio de 1952, 1-2.
- ¹⁷ Idem, ibidem, 2.
- ¹⁸ Idem, ibidem.
- ¹⁹ Idem, ibidem, 2.
- ²⁰ Idem, I (12), 3 de Maio de 1952, 1.
- ²¹ Idem, ibidem, 1.
- ²² Idem, III (25), 15 de Fevereiro de 1954, 1-2.
- ²³ Idem, I (16), 18 de Janeiro de 1953, 1-2.
- ²⁴ Idem, ibidem, 1.
- ²⁵ Idem, ibidem.
- ²⁶ Idem, ibidem, 2. O vínculo à legenda de O Leme é significativo.
- ²⁷ Cf. "Para nós, Colegas" (idem, I (1), de Dezembro de 1952, 2-3.
- ²⁸ Idem, I (16), 18 de Janeiro de 1953, 2.
- ²⁹ Ideia base: o professor, além de instruir e educar, faz transbordar a sua acção para fora das paredes da escola, estendendo-a à aldeia: "A missão do professor não é, no entanto, só na escola. Ele deve contribuir para o desenvolvimento da localidade na qual educa" (p. 1). Sugere como iniciativas: fundar a cantina, abrir um curso para adultos, fazer festas e excursões.
- ³⁰ O texto decalca as linhas do texto anterior, mas reforça a necessidade de amar as crianças.
- ³¹ Resumo da missão do professor: "preparar os alicerces que hão-de mais tarde ser os futuros cidadãos da nossa Pátria" (p. 1).
- ³² Tal como os confrades de S. Vicente de Paulo os professores fazem bem aos pobres e espalham a doutrina cristã. São naturalmente confrades, logo basta assumirem-no.
- ³³ Desenvolvimento do apelo à colaboração com a Mocidade Portuguesa a partir de uma declaração do

Presidente do Conselho: "Todos não somos demais para continuar" (p. 3).

³⁴ Trata-se de um texto que aproxima os papéis do padre e do professor e as funções da igreja e da escola. Deixamos alguns extractos significativos:

"Ambos membros duma mesma Igreja – de Cristo – aquele da Igreja docente, este da militante, a ambos são confiadas as almas. Aquele, por direito divino e mandato expresso de Deus; a este, como cooperador das famílias" (p. 1). "A Igreja subsistirá através dos séculos. Pode parecer destruída e aniquilada, como aconteceu em Portugal, e está acontecendo na Rússia. Mas se, no nosso país, já ressurgiu, esperemos pela Rússia – há-de converter-se. A escola também pode corromper-se através de maus professores ou quando se vê submersa e sufocada em ambientes péssimos. Lembremo-nos da malfadada Escola Nova. Felizmente essa acabou para surgir a Escola Activa" (p. 1).

³⁵ O texto refere a necessidade do professor ser católico, a fim de cumprir a sua missão.

³⁶ Texto que incita o professor a aderir à "Campanha" de alfabetização promovida pelo Estado Novo.

³⁷ A ideia central do texto resume-se nisto: para que o professor possa educar moralmente o aluno tem de se preparar espiritualmente. Para tal fim há que substituir o orgulho, a vaidade, a irritabilidade e o amor próprio descabido pela "Humildade, Singeleza de carácter, a Paciência e a Caridade, virtudes estas que são o apanágio dos discípulos de Cristo (...)" (p. 2).

³⁸ É um texto único na medida em que apela à reflexão absorvente a partir do exercício da prática educativa: "Haja na mente de todos uma reflexão teórica tal que a sede do valor prático, do valor real, nos apoquente sempre" (p. 2).

³⁹ Afirma-se que o êxito da profissão depende da preparação das lições, que para além de garantir a fundamentação e inter-relação dos conhecimentos permite ao professor tirar partido das oportunidades proporcionadas pelos alunos, concretamente, quando fazem comentários, interrogam, expressam dúvidas ou simples curiosidade.

⁴⁰ Trata-se da reprodução de um texto publicado em Novidades acerca da exigente formação do professor e da dureza da profissão.

⁴¹ O texto culmina nesta frase: "Durante as horas lectivas, pelo menos, o professor deve viver unicamente para os seus alunos" (p. 2).

⁴² A autora adverte para os riscos da improvisação: "incapacidade para satisfazer a curiosidade da criança e interligar os conhecimentos, falta de fundamentação; probabilidade de arruinar a carreira". Trata-se de um decalque sobre afirmações feitas um ano antes por Engrácia Mendes (1955).

⁴³ Indicação de localização: Ano V (44), 26 de Maio de 1956, 2.

⁴⁴ O Leme, Évora, VI (54), 11 de Fevereiro de 1958, 2.

⁴⁵ Idem, V (49), 16 de Fevereiro de 1957, 1.

⁴⁶ Idem, III (25), 15 de Fevereiro de 1954, 1-2.

⁴⁷ Idem, III (26), 1 de Abril de 1954, 1.

Referências Bibliográficas

Barata, A. F. (1909). *Évora Antiga*. Évora: Minerva Comercial.

David, C. (s.d.). Estudo sobre o jornalismo eborense. In *Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, fasc. 116, 685-686.

Manuel, J. A. C. Subsídios para o estudo do jornalismo eborense. Separata de *A Cidade de Évora*, Évora: Imprensa Moderna.

Martins, R., *Pequena História da Imprensa Portuguesa*. Lisboa: Oficinas Gráficas Santelmo.

Monte, G. do (1955). *O Jornalismo Eborense*. Évora.

Monte, G. do (1984). *Achegas para a História do Jornalismo no Distrito de Évora*. Évora.

Nobre, M. C. B. (1936). *Gazeta de Odivelas. Imprensa do Concelho de Oeiras 1883-1891*. Oeiras: Município de Oeiras.

Nóvoa, A. (1993). *A Imprensa de Educação e Ensino. Repertório analítico (séculos XIX-XX)*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Pereira, A. X. S. (1895). *O Jornalismo Português*. Lisboa.

Serra, J. M. *Lista de Títulos de Jornais Eborenses* (texto dactilografado sem indicações adicionais que se encontra na Biblioteca Pública de Évora).

Tavares, L. H. D. (2002). *Fontes para o Estudo da Educação no Brasil*. Bahia: Editora UNEB.

Tengarrinha, J. (1989). *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. (2.ª ed., revista e aumentada). Lisboa: Caminho.